

Professor: Arnin Braga

Disciplina: Filosofia da Religião

Semestre: 4º de Filosofia

Tema 02:

**A Questão de Deus na Filosofia Grega Antiga
e no Período Helenístico**

1. Introdução

A relação entre Fé e Razão, ao abordar a questão de Deus, tem seus primórdios na Grécia Antiga. No entanto, vale ressaltar que quando alguns filósofos gregos trataram a questão de Deus, não a fizeram a partir de uma atitude religiosa. Em outras palavras, a preocupação destes filósofos não era estabelecer bases racionais para a crença que eles tinham em algum deus, muito menos buscaram o mesmo com o fim de estabelecer alguma união mística ou relação com o sagrado. A verdadeira motivação que levou os filósofos gregos a abordar a problemática de Deus foi a preocupação dos mesmos em descobrir como funciona o movimento natural de tudo o que existe (*Physis*) e como tal movimento natural se iniciou (*Arché*).

Neste sentido, segundo Nogales¹ a posição dos filósofos gregos frente a questão de Deus se apresenta em três etapas:

- a) *Enfoque filosófico-natural;*
- b) *Enfoque filosófico-crítico;*
- c) *Enfoque filosófico-metafísico.*

Desse modo, foi somente no ambiente vital do chamado “período helenístico” (séc. IV a.C até o séc. III d.C), que haverá uma preocupação por parte de alguns filósofos em estabelecer uma relação com esse “princípio de tudo” postulado pela filosofia grega. Essa preocupação filosófica da época pode ser definida através de duas posturas: uma de indiferença e rechaço à questão de Deus (Epicuro); e outra de buscar por unir-se ao divino por

¹ SANCHÉZ, J.L Nogales. *Filosofia y Fenomenología de la Religión*. Editorial Ágape: Salamanca, 2003. p. 48.

meio da meditação filosófica (Plotino). Vejamos agora, de forma resumida, cada uma dessas etapas.

2. Enfoque filosófico-natural

2.1 Os filósofos da natureza ou pré-socráticos

A principal preocupação que levou os filósofos da natureza à buscar uma explicação racional para um princípio ordenador de tudo foi o desejo de entender a natureza, seus fenômenos e leis. Estes filósofos não se utilizavam mais de uma linguagem mitológica, mas sim, racional. A sociedade onde se encontravam ainda explicava tais fenômenos por meio dos mitos, mas estes filósofos não se contentavam com estas explicações mitológicas e buscaram dar uma explicação racional aos fenômenos da natureza. Sendo assim, o principal questionamento que se faziam era a respeito do αρχέ (*arché*), ou seja, do princípio de tudo: como se originou tudo o que existe?

Para eles, o princípio de tudo (*arché*) deveria ser um ELEMENTO PRIMORDIAL CAPAZ DE MUDAR SUA APARÊNCIA, MAS SEM PERDER SUA ESSÊNCIA. Em outras palavras, seria um elemento que estivesse em tudo, mas que permanecia o mesmo. Descobrir este elemento, poder-se-ia explicar racionalmente não somente o início de tudo, mas também o porquê das coisas se transformarem, desaparecerem, voltarem a existir, etc.

Alguns filósofos da natureza, como Tales de Mileto (624-548 a.C), associaram esse princípio de tudo à alguma divindade.

3. Enfoque Filosófico-Crítico

A partir do século V a.C, a filosofia grega antiga sofreria uma mudança de foco: pouco a pouco os filósofos foram deixando de se perguntar pela origem da do movimento da natureza (*arché*), e foram ocupando-se da questão do Homem: o que é o ser humano? Para onde vamos? De onde viemos? Como devemos agir? Por que vivemos em sociedade e criamos leis? Etc. É então que a Filosofia passa a centrar-se diretamente na questão do ser humano, deixando de ser uma Cosmologia (explicação do mundo) para ser uma Antropologia (explicação do ser humano). No que tange a relação entre Filosofia e Teologia, a principal preocupação desta época foi: “Por que os homens adoram divindades?”

3.1 Os Sofistas e sua crítica a questão da divindade

A palavra grega “sofista” significa “sábio”. Os sofistas foram um importante grupo de filósofos que chegaram a construir uma escola filosófica em Atenas. Segundo eles, os homens nunca poderiam encontrar explicações verdadeiramente seguras para os enigmas da natureza e do universo (*Physis*). Mas sobre os enigmas do ser humano e suas relações em sociedade, era possível alcançar um conhecimento confiável. Para os sofistas, o homem estava no centro das discussões e era sobre ele que a Filosofia deveria tratar. Nesse sentido, foram eles os primeiros a se perguntarem: por que os seres humanos adoram divindades?

Segundo o grande mestre sofista, Protágoras (481-411 a.C), nada se pode afirmar nem negar sobre os deuses porque a vida é curta e nosso conhecimento é finito. Logo, segundo este pensador, a resposta mais adequada da razão humana para a questão de Deus deve ser um agnosticismo absoluto.

3.2 Sócrates e seus discípulos

Contrário ao agnosticismo absoluto dos sofistas, o importante filósofo grego Sócrates (469-399 a.C) afirmava que não existe o acaso, mas tudo o que existe – tanto os fenômenos naturais como o homem – são frutos de uma inteligência superior que os produziu. Essa Inteligência é invisível. Mas o fato de ser invisível não quer dizer que ela não exista, pois, como o próprio Sócrates afirmava, nossa alma (consciência) também é invisível e ninguém duvida de que ela exista. Por fim, ele afirmava que a particularidade que o homem possui frente a todos os animais (a Razão), revela que esta Inteligência teve um cuidado especial com o ser humano.

O mundo e o homem são constituídos de tal modo (ordem, finalidade) que apenas uma causa adequada (ordenadora, finalizante e, portanto, inteligente) pode explicá-los. O Deus de Sócrates, portanto, é a Inteligência que conhece todas as coisas sem exceção, e é atividade ordenadora e Providência.

Nesse sentido, um dos discípulos de Sócrates, Xenofonte (431-354 a.C), irá defender esta visão racional que seu mestre tinha sobre Deus, argumentando contra o antropomorfismo das religiões existentes, bem como de seus mitos e teogonias. Para Xenofonte, a divindade ou Inteligência superior que rege o mundo deve ser totalmente diferente a qualquer coisa que o ser humano pode conceber com sua imaginação:

Mas se os bois, os cavalos e os leões tivessem mãos ou pudessem pintar e realizar as obras que os homens realizam com as mãos, os cavalos pintariam imagens dos deuses semelhantes a cavalos, os bois semelhantes a bois, e plasmariam os corpos dos deuses semelhantes ao aspecto que tem cada um deles. Os etíopes dizem que os deuses são negros e têm nariz achatado, os trácios dizem, ao invés, que têm olhos azuis e cabelos ruivos (...). Homero e Hesíodo atribuíram aos deuses todas as coisas que entre os homens são vergonhosas e reprováveis: roubar, cometer adultério e enganar mutuamente (...). O universo é uno, deus, sumo entre os deuses e os homens, nem por figura nem por pensamento semelhante aos homens. Sempre no mesmo lugar permanece sem mover-se absolutamente, mas se lhe atribui o deslocamento, ora para um lugar, ora para outro. Todo inteiro vê, todo inteiro pensa, todo inteiro ouve.² (tradução nossa)

Já outro discípulo de Sócrates, Crítias (460-403 a.C), terá uma visão totalmente de seu mestre. Para Crítiasa existência dos deuses tem um sentido meramente político, ou seja, trata-se de uma invenção humana para implantar terror nos cidadãos comuns e forçá-los a seguir as leis.

4. Enfoque Filosófico-Metafísico

4.1 Platão e o Sumo-Bem

Dentre os vários discípulos de Sócrates, sem dúvida o maior de todos foi Platão (428-348 a.C). Assim como seu mestre, Platão admite a existência de um Deus único e supremo, ao que ele chamou de *Uno* (o Bom, o Belo e o Verdadeiro) ou de *Sumo Bem*. Princípio este que está por cima de todos os deuses e de todo o mundo físico. Esse Sumo Bem ordena o mundo, mas não o cria, pois para os gregos antigos, o mundo e o universo são eternos e estão em um eterno retorno. Como o Sumo Bem é totalmente metafísico e perfeito, por lógica, ele não pode misturar-se com o que é físico. Por isso, Platão também postula a existência de um Demiurgo, ou seja, um deus sensível que ordena tudo e gera o mundo físico a partir do mundo ideal onde se encontra o Sumo Bem. Segundo Platão, tudo o que existe no mundo físico é apenas cópia do mundo ideal, e tudo o que existe está ordenado para o Sumo Bem. Sobre o Demiurgo, afirma Platão:

É que, tal como foi dito de princípio, em virtude de estas coisas estarem desordenadas, o deus criou em cada uma delas uma medida que servisse de referência tanto a cada uma em relação a si mesma, como também em relação às outras, de modo a serem proporcionais. (...) Mas tudo isto o deus começou por organizar, e em seguida constituiu o universo a partir delas – um ser-vivo único que contém em si mesmo todos os outros seres-vivos, mortais e imortais. E ele mesmo se

² XENOFONTE apud FERNÁNDEZ, C. *Los filósofos antiguos*. BAC (Biblioteca de autores cristianos): Madrid, 1964. p. 11.

tornou demiurgo dos seres divinos, enquanto que atribuiu o encargo de fabricar os mortais àqueles que tinham sido gerados por si. (...) assim foi gerado o mundo: como um ser-vivo visível que engloba todas as coisas visíveis, deus sensível imagem do inteligível, o mais grandioso, o melhor, o mais belo e mais perfeito; o céu que é único e unigênito.³

4.2 Aristóteles e o Ser como Motor Imóvel e Ato puro

O grande discípulo de Platão, Aristóteles (385-322 a.C), desemboca na questão de Deus quando tenta explicar o movimento natural das coisas, ou seja: como algo que não é, passa a ser? E como algo que existe, deixa de existir?

Analisando a natureza, Aristóteles foi elaborando conceitos como Ato e Potência, Matéria e Forma; e descobriu que todo movimento possui causas. Dentre estas causas, existe uma que deve ser a primeira, aquela que deu movimento a tudo. O ponto de chegada dessa investigação de Aristóteles é um ser supremo, transcendente, causa primeira e eterna do movimento ao qual ele chamou de θεός (“Zeós” em grego antigo, e “Théos” no grego medieval), e que hoje traduzimos como “Ser”.

Em sua obra *Física*, Aristóteles demonstrará racionalmente como todo movimento deve ter uma causa. E se formos explicando os movimentos da natureza a partir de suas causas, chegaremos a conclusão de que a causa primeira de todos os movimentos, por uma constatação lógica, deve ser imóvel, não causada por ninguém, mas eterna. Como afirma o filósofo:

Tudo o que se move, é movido por outro. Isto se pode entender de duas maneiras: ou o motor não se move por si mesmo, mas por meio de outra coisa que move o motor; ou se move por si mesmo, e neste caso, ou precede imediatamente ao término extrema da série, ou está separado dele através de muitos intermediários; por exemplo, o bastão move a pedra, e é movido pela mão, que, por sua vez, é movida pelo homem; este, por sua parte já não é movido por nenhum outro. Dos dois dizemos que se movem: o último (o bastão) e o primeiro (o homem), porém o que mais propriamente move, é o primeiro, pois move a aquele enquanto que aquele não move a este, e sem este, o outro não pode mover, enquanto que o primeiro o pode sem o outro: assim, o bastão não se moverá se o homem não o move. Portanto, se tudo o que se move deve ser movido por algo que, por sua vez, é movido, deve existir um primeiro motor que não seja movido por nenhum outro; mas uma vez que se dá tal motor primeiro, não há necessidade de outro. Com efeito, é impossível que se dê uma série infinita de motores, cada um dos quais seja movido por outro, já que em uma série infinita não há um término que seja primeiro. Se, pois, tudo o que se move é movido por outro, e o primeiro motor se move, mas não é movido por outro, força é que seja movido por si mesmo (...). Já que o movimento tem que existir sempre e não se interrompe nunca, deve haver algo eterno que mova o primeiro, seja ele um, seja ele muitos; o primeiro motor deve, além disso, ser imóvel (...). Que necessariamente tem que existir um ser que, sem ser movido ele mesmo com nenhuma classe de mudança externa, nem absoluta nem acidentalmente, seja capaz

³ PLATÃO. *Timeu-Crítias*. Tradução de Rodolfo Lopes. ECH (Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos): Coimbra, 2011, pp. 169-170; 211 (69b-c e 92c)

de mover a outra coisa, aparecerá claro pelas considerações que se seguirão (...)⁴
(tradução nossa)

Já em sua obra *Metafísica*, Aristóteles demonstrará que essa Causa Primeira e Motor Imóvel deve também ser Ato Puro:

(...) podemos dar isto por resolvido, e há algo que se move sempre com um movimento incessante, que é o movimento circular (e isso não somente é evidente pelo raciocínio, como também na prática), por conseguinte, há também algo que move. E, posto que o que se move e move é intermediário, deve de existir algo que sem mover-ser mova, que seja eterna, substância e ato. E movam assim o desejável e o inteligível. Movem sem ser movidos. As primeiras manifestações destes são idênticas. É apetecível, com efeito, o que parece bom, e é objeto primário da vontade o que é bom. E mais influência no desejo a aparência que na aparência o desejo; porque a intelecção é um princípio. O entendimento é movido pelo inteligível, e é inteligível por si uma das duas séries, e desta é a primeira a substância, e das substâncias, a que é simples e está em ato (mas 'uno' e 'simples' não são o mesmo, pois 'uno' indica medida, e 'simples', que a coisa mesma é de certo modo). Mas o bom e o por si mesmo elegível estão na mesma série; e o primeiro é sempre o melhor, o análogo ao melhor. Que a causa final é uma das coisas imóveis o demonstra a distinção de suas acepções. Pois a causa final é para algo e de algo, dos quais o uno é imóvel, e o outro, não. E move enquanto é amada, enquanto que todas as demais coisas movem ao serem movidas. Ora, se algo é movido, cabe também que seja de outro modo, de sorte que, se o ato é transladação primária, ao menos enquanto é movido neste sentido, cabe que seja de outro modo, em quanto ao lugar, se não enquanto à substância. E, posto que existe algo que se move sendo imóvel, e sendo em ato, não cabe em absoluto que seja de outro modo. A transladação, com efeito, é a primeira das mudanças, e das transladações, a circular. E esta é a que isto origina. É, por tanto, ente por necessidade; e, enquanto por necessidade, é um bem, e, deste modo, princípio⁵ (tradução nossa)

Desse modo, tanto as reflexões de Platão quanto as de Aristóteles com relação ao princípio ordenador do mundo, levaram a Filosofia a encontrar pela primeira vez a ideia de Deus como um ser puramente transcendente e metafísico, que mais tarde seria a base para a reflexão teológica cristã. No entanto, nenhum dos filósofos gregos citados até aqui tinha o interesse de provar racionalmente a existência de Deus para justificar sua fé. Na verdade, o principal interesse dos mesmos era apenas explicar o movimento do mundo e o próprio ser humano.

A postura de procurar a esta Causa Primeira filosófica como um divindade que se relaciona com o ser humano surgirá alguns anos depois da morte de Aristóteles, no chamado período da Filosofia Helenística.

5. A Questão de Deus na Filosofia Helenística

⁴ ARISTÓTE. *Fisique*. Les Belles Lettres : Paris, 1931, Livro VIII, 256a3-258b10.

⁵ ARISTÓTELES. *Metafísica*. Gredos: Madrid, 1970, Livro XII, 1072b23.

Quando Aristóteles morreu, no ano de 322 a.C, Atenas já tinha perdido seu esplendor. Os gregos tinham perdido sua liberdade e estavam sob domínio macedônio. Alexandre o Grande tinha dominado um vasto território, unindo o Ocidente (Grécia) ao Oriente (Egito, Pérsia, Índia), levando a cultura grega a todos estes territórios. Surgia um novo mundo.

Começa então uma época nova da Filosofia, onde a principal preocupação deixa de ser a explicação da ordem do mundo natural e do mundo humano, e passa a ser a questão da Felicidade: como posso alcançar a verdadeira felicidade?

Neste sentido, a filosofia do período helenístico relacionará a questão de Deus com a questão da vida feliz. Dentre os vários pensadores desta época, destacam-se dois com relação à questão de Deus: Epicuro e Plotino.

5.1 Epicuro e a indiferença com relação aos deuses

O filósofo grego Epicuro (341-280 a.C) afirmava que sua filosofia possuía quatro eficazes remédios para se alcançar a verdadeira felicidade:

- *Não se deve temer os deuses;*
- *Não se deve temer a morte;*
- *O Bem não é difícil de se alcançar;*
- *Os males não são difíceis de suportar.*

Já podemos ver que o primeiro passo para a felicidade, segundo Epicuro, é não preocupar-se com a questão de Deus, isto é, se Ele existe ou se realmente possui o poder de interferir na vida dos seres humanos. Por quê? Epicuro explica da seguinte maneira:

Em primeiro lugar, considera a divindade como um vivente indestrutível e feliz, como o indica a noção comum do divino, e não atribua nada estranho à imortalidade ou inconciliável com a felicidade. Porque os deuses existem: é evidente seu conhecimento; não existem como a maioria os imaginam, pois com essa maneira de conceber-lhes suprimem suas existências. (...) Deus, ou quer impedir os males e não pode, ou pode e não quer. Se quer e não pode, é impotente, característica impossível em um Deus. Se pode e não quer, é invejoso, o que, do mesmo modo, é uma característica contrária a Deus. Se nem quer e nem pode, é invejoso e impotente; portanto, nem sequer é Deus. Se pode e quer, que a única característica que convém à Deus, de onde procede então a existência dos males e por que ele não os impede?⁶ (tradução nossa)

⁶ USENER, H. *Epicurea*. Teubner: Leipzig, 1887, fragmento 374.

Logo, para Epicuro, os deuses existem, mas não intervêm no mundo. Por isso, não devemos nos preocupar com eles. Não há porque temer aos deuses.

5.2 Plotino e a união mística com Deus

Mesmo depois da morte de Platão em 348 a.C, a Academia continuou funcionando. Mas ao longo dos séculos, as ideias foram mudando de acordo com aqueles que estavam a frente da Escola de Platão. No século III d. C., um estudante da Academia de Platão deixa esta escola e elabora um novo tipo de pensamento. Ele se chamava Plotino (204-270 d.C), e inaugura a linha filosófica do Neoplatonismo.

Para Plotino somente existe um Ser, uma realidade: o UNO. Por vezes, chamava-lhe também “Deus”. A única coisa que existe é Deus ou o Uno. Mas se tudo o que existe é Deus, como explicar o mundo, as coisas físicas, a matéria, o mal e as deficiências que existem?

Para responder a esta pergunta, Plotino usa o exemplo da luz e da escuridão: tal como uma fonte luminosa se perde progressivamente na escuridão, também há um limite para o alcance dos raios divinos. Para Plotino, quanto mais próximo do Uno, mas real e perfeitas são as coisas. Quanto mais longe do Uno, mas irreal e imperfeitas são as coisas. A matéria e o mundo sensível são uma realidade distante do Uno. Mas apesar disso, o mundo sensível e material possui centelhas desse Uno. No caso do homem, é a alma humana este reflexo do Uno.

Logo, segundo Plotino, em tudo o que existe há uma centelha do divino. Podemos, por meio da contemplação filosófica, notá-la na realidade que nos rodeia. Mas estamos mais próximos de Deus na nossa própria alma. Só aí podemos unir-nos ao grande mistério da vida. Em momentos raros podemos sentir que nós mesmos somos esse mistério divino. Plotino experimentou algumas vezes no decurso da sua vida a fusão da sua alma com Deus. Damos a isso o nome de “experiência mística” ou “extâse”. E a partir da filosofia neoplatônica de Plotino, que pouco a pouco a Teologia cristã e a Filosofia grega foram encontrando seu ponto de relação, onde a questão de Deus deixou de ser apenas teórica, para também ser mística ou religiosa.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTE. *Fisique*. Les Belles Lettres : Paris, 1931.

ARISTOTELES. *Metafisica*. Gredos: Madrid, 1970.

FERNÁNDEZ, C. *Los filósofos antiguos*. BAC (Biblioteca de autores cristianos): Madrid, 1964.

PLATÃO. *Timeu-Crítias*. Tradução de Rodolfo Lopes. ECH (Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos): Coimbra, 2011.

SANCHÉZ, J.L. Nogales. *Filosofia y Fenomenología de la Religión*. Editorial Ágape: Salamanca, 2003.

USENER, H. *Epicurea*. Teubner: Leipzig, 1887.